



AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO NA CONTEMPORANEIDADE: REFLEXÕES ACERCA DA MODA AGENDER

*The Social Representations Of Gender In Contemporaryity: Reflections
About Fashion Without Gender*

Leite, Iracema Tatiana Ribeiro; Mestre; Universidade Federal de Pernambuco,
tatrleite@gmail.com¹

Rocha, Maria Alice; Doutora; Universidade Federal Rural de Pernambuco,
modalice.br@gmail.com²

Waechter, Hans da Nóbrega; Doutor; Universidade Federal de Pernambuco
hnwaechter@terra.com.br³

Grupo de Pesquisa: Moda e gênero⁴

Resumo

O presente artigo apresenta algumas discussões sobre as representações sociais através da moda, direcionada para a relação do corpo e a roupa em se tratando da binaridade masculino e feminino, refletindo especificamente a tendência da moda Agender. Pretende-se apresentar o papel da moda como forma de controle e rupturas de padrões e valores. A pesquisa é exploratória revisitando autores como Eco (2007) Simmel (2014) e Le Betron (2007).

¹ Professora Adjunta do Núcleo de Design do Centro Acadêmico do Agreste. Doutoranda em Design [UFPE], Mestre em Design [UFPE]; Especialista em Design de Moda [UFPE]

² Professora Adjunta do Departamento de Ciências Domésticas da Universidade Federal Rural de Pernambuco; Doutora em Design de Moda - PhD in Fashion Design - University for the Creative Arts / University of Kent (2007)

³ Professor Adjunto do Departamento de Design da UFPE. Doutor em Comunicación Audiovisual e Publicidad - Universidad Autónoma de Barcelona (2004);;

⁴ O grupo de pesquisa em design e gênero visa contribuir com os processos metodológicos do design por concentrar-se na observação das construções das identidades de gênero presentes nos artefatos de design e as suas relações com os indivíduos.





Palavras- chave: Corpo, roupa, Moda agender

Abstract

The present article presents some discussions about the social representations through fashion, directed towards the relation of the body and the clothes in what concerns the masculine and feminine binarity, reflecting specifically the fashion trend Agender. It is intended to present the role of fashion as a form of control and ruptures of patterns and values. The research is exploratory revisiting authors such as Eco (2007) Simmel (2014) and Le Betron (2007)

Keywords: Body, clothing, fashion without gender trends

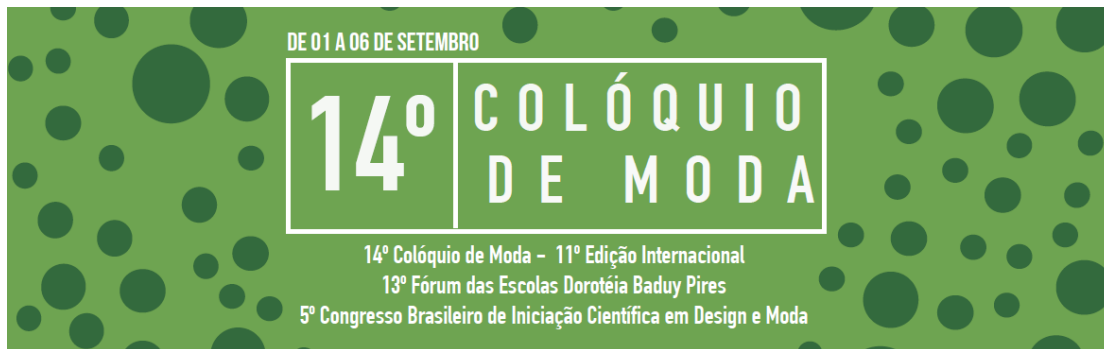
Introdução

A partir das representações sociais os sujeitos são vistos na sociedade e mantem as relações entre si e o mundo. O conceito de Moscovici (1978, p.26) coloca que “a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (CRUSOÉ, 2004, p.109). Portanto, os sujeitos se identificam no mundo, como constituinte de determinada cultura, grupo ou gênero, a partir de sua apresentação corporal, através de gestos, modos de agir, comer, se vestir, de se comportar, entre outros estabelecendo um processo de comunicação. Para Sêga (2000, p.128):

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhe concernem.

Portanto, as representações sociais não são ações fixas, imutáveis, há uma intensa negociação entre valores hegemônicos, normativos, e está em consonância em relação aos simbolismos e significados atribuídos pelos indivíduos a determinados contextos localizados no tempo e no espaço, do imaginário social. Logo, “as representações sociais nascem no curso das variadas transformações que geram novos conteúdos. (SÊGA,2000, p.132)





Diante deste contexto sobre as representações sociais de gênero, tendo o corpo como suporte para estas negociações, nota-se que na pós modernidade a identidade de gênero está voltada para o sujeito e sua subjetividade. Svendsen (2010) afirma que na era pós moderna, a configuração da identidade pessoal é num sentido decisivo, um projeto corporal.

Ao longo da história da humanidade, nota-se um distanciamento e proximidade do corpo e espírito e/ou corpo e mente. Os dogmas religiosos estabelecidos com o

cristianismo, no período anterior ao renascimento, impunham a negação do corpo em favor da elevação do espírito (BRANDINI, 2007). Ainda segundo a autora (ibdem) no século XIX, com a urgência da problemática do “eu”, o estatuto do corpo tornou-se objeto de auto afirmação, personalização e individualização, gerando a ideia de que as “pessoas são seus corpos”. (BRANDINI, 2007).

Portanto na contemporaneidade pode-se entender uma preocupação de desvendar os mitos do corpo, quebrando paradigmas antes estabelecidos pela sociedade. Neste sentido a moda e o vestuário, especialmente, mostram diversas narrativas com propostas de mudança dos padrões instituídos até então, e embora tenha esta característica de ruptura em alguns momentos, também disseminam modelos e estilos de vida hegemônicos.

Para Simmel (2008, p. 12) (...)” a moda nada mais é do que uma forma particular entre muitas formas de vida, graças à qual a tendência para a igualização social se une à tendência para a diferença e a diversidade individuais num agir unitário.” Deste modo, imitação e distinção tornam-se uns dos motores da moda, o que na atualidade é enveredado para a individualização dos sujeitos. No que concerne a relação gênero e moda, observa-se a necessidade de distinção entre os papéis de





gênero, verificada desde a consagração da moda como sistema efêmero de representação dos sujeitos.

E quando se coloca os termos sexo e gênero e as relações com o corpo, a moda torna-se uma das formas de apresentação dos sujeitos no mundo, sem que necessariamente esteja ligado ao corpo natural ou biológico.

O presente artigo tem como reflexão compreender as relações dicotômicas dos gêneros no vestuário, citando a tendência contemporânea de moda *Agender* ou *Genderless*, como mais uma proposta de ruptura dos valores atribuídos às

representações de gênero a partir da moda, que é uma tendência disseminada pela mídia sugerindo uma certa neutralidade dos corpos a partir das roupas.

O corpo e a roupa: feminino x masculino

O vestuário comunica a partir de suas linguagens visuais (cor, textura, volume, etc) a individualidade do ser, além de exteriorizar ideias, sentimentos, estilo de vida, identidades sociais e de gênero, dentre outros. A intencionalidade está inserida na relação do vestuário com as mensagens visuais emitidas por determinada classe ou grupo social. No sentido de apresentar as relações de imitação e distinção, é necessária uma intencionalidade individual e social, como pertencer a determinado grupo para mostrar status ou poder, ou mesmo pertencer a um grupo destacado da grande maioria para mostrar a falta de conectividade com as ideias vigentes. Simmel (2008, p. 170) propõe que “a essência da moda consiste em que apenas uma parte do grupo a exerça e que a coletividade se encontre a caminho.” Embora Simmel (2008) defenda que a moda consiste em imitação e distinção no sistema de classes,





esta teoria se amplia trazendo novos conceitos que funciona como “processo de formação identitária” (CAMPOS, RECH, 2010).

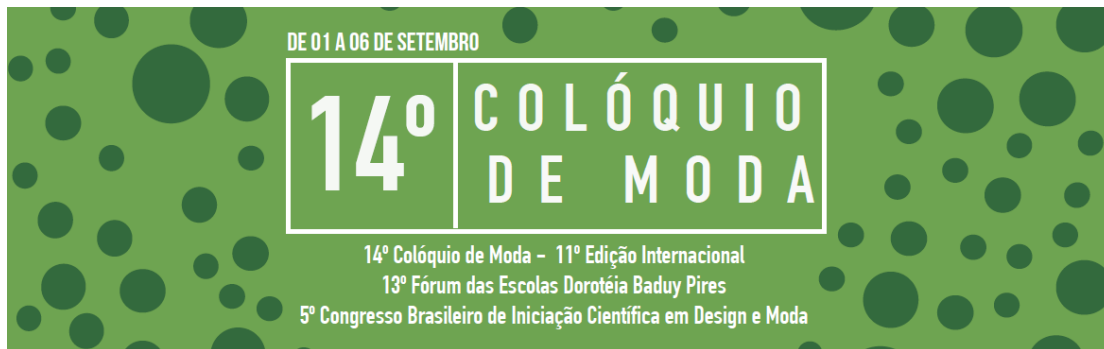
O jogo das aparências pode ser considerado uma das forças motrizes da moda, onde os corpos são vestidos para representar uma identidade, seja individual ou coletiva. O corpo vestido apresenta simbolismos que também tornam-se transitórios dependendo do espírito do tempo onde está inserido.

Através do corpo, o vestuário estabelece várias narrativas cujos significados são construídos e estabelecidos culturalmente (LEITE, 2011). Estas narrativas inscritas no corpo e especificamente na roupa são construções sociais que desempenham papéis de relações de poder.

Para Le Breton (2007, p. 7) “o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidencia da relação com o mundo é construída. E complementa “antes de qualquer coisa, a existência é corporal”. Tendo em vista as manifestações sociais ao longo da história da moda, a relação corpo e moda é percebida como forma de comunicação, onde algumas vezes a falta de roupa denota algum protesto sobre determinada causa social, política, cultural e econômica. Nota-se que a ausência de roupa é vista como pudor, falta de recursos financeiros, ou mesmo, mostra as relações de dominação, como aconteceu no holocausto, onde os nazistas despiam os judeus de seus trajes para além de degradá-lo perante ao outro, iniciar uma série de atrocidades, mostrando assim a superioridade disseminada deste poderio. Segundo o documentário da série Ecce Homo: Moda e vestuário (1997)“ O vestuário é parte da nossa identidade, e despir uma pessoa de suas roupas significa despi-la de sua dignidade”.

Este cenário mostra a relevância do corpo para a sociedade, onde o mesmo é retratado na atualidade como capital físico, simbólico, econômico e social. Para Bourdieu a relação de distinção se encontra objetivamente inscrita no corpo, sendo o





corpo um bem simbólico que pode receber valores muito diferentes segundo o mercado em que está colocado (BOURDIEU *apud* GOLDENBERG, 2015).

Os significados do corpo nú varia de cultura a cultura, portanto “não existe nada que possa ser chamado de corpo completamente nú, pois o corpo nú estará sempre “vestido” em razão de suas definições sociais” (SVENDSEN,2004;2010, p.89). Ainda segundo Svendsen (2004;2010, p.89) “removendo todas as roupas, não encontramos um corpo natural, mas um corpo moldado pela moda. O corpo não é mais natural que as roupas que veste”.

Esta analogia apresentada pelo autor (ibidem) traz algumas reflexões acerca das discussões sobre a relação do corpo, a moda e a sua relação com as constituições das inscrições sociais dadas pela relação sexo/gênero.

Segundo Le Breton (2008, p. 24) “o corpo não é uma natureza. Ele nem sequer existe. Nunca se viu um corpo: o que se vê são homens e mulheres.” O mesmo autor (ibidem, 2008) discerne sobre as diferenças entre os sexos conforme a construção social do que significa ser homem e ser mulher para determinada sociedade, de forma a compreender as suas relações com o mundo e entre si.

Este discurso mostra o caráter efêmero do corpo e sua inscrição cultural, onde as relações de poder são determinantes para a construção social dos papéis sociais atribuídos ao masculino e ao feminino.

Barnard (2003, p. 167) cita Rouse (1989, p. 108) em seu argumento que:

Moda e indumentária são um instrumental no processo de socialização em direção aos papéis sexuais e de gênero; elas ajudam a dar forma às ideias das pessoas sobre como homens e mulheres deveriam parecer. Não é verdade que moda e indumentária simplesmente refletem uma identidade já existente de sexo e gênero, mas elas são “parte do processo pelo qual atitudes para com homens e mulheres, igualmente, e imagens de ambos os sexos são criadas e reproduzidas.





Le Breton (2008) mostra em sua pesquisa alguns papéis de homens e mulheres em diversas sociedades tribais, e pondera que “a interpretação que o social faz da diferença entre os sexos orienta a maneira de criar e educar a criança segundo o papel estereotipado que dela se espera (LE BRETON, 2008, p. 67)”. Ou seja, antes mesmo de nascer os meninos e meninas são moldados pela sociedade e começa a partir de suas roupas os seus papéis de gênero. Embora a tendência atual de comportamento traga os novos paradigmas neste sentido para com o vestuário, desmitificando as separações entre os sexos, constituição biológica, nota-se ainda o

forte direcionamento sobre a forma tradicional de ver os gêneros, tendo em vistas os fortes diálogos travados na mídia quando se trata da complexidade das teorias de gênero.

Nesta temática sobre as ideias de rupturas dos padrões de representação social de gênero, Eco (2007, p. 433) cita Donna Haraway ⁵ onde a pesquisadora propõe através da estética do cyborg a superação das diferenças de gêneros por meio da realização de corpos neutros, pós orgânicos e trans-humanos. (ECO, 2007). Haraway afirma “temos a necessidade de regeneração, não de renascimento, e as possibilidades da nossa constituição incluem o sonho utópico da esperança em um mundo monstruoso sem gênero.” (ECO, 2007, p.433)

Este manifesto *Cyborg* foi crucial para a disseminação dos discursos sobre o corpo, e tornou-se constante desde o século XX e as mudanças na sociedade embora a passos lentos, estão mostrando seus traços com mais força, principalmente no que

⁵ Donna Haraway é autora de diversos livros e artigos que trazem questões como a ciência e o feminismo, como *A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century* (1985) and *Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective* (1988), traduzidos para o português.





tange a inclusão do indivíduo na sociedade independente de seu corpo biológico. As variações estéticas observadas no corpo na contemporaneidade também é fruto desta desmitificação de ideal de beleza com características como harmonia, proporção, etc. As mudanças corporais vistas na história da moda, apresentam o gênero como uma das muitas formas de ressignificar o corpo, seja através de modificações transitórias como permanentes.

Moda e gênero: rupturas e paradigmas contemporâneos

Ao observar as imagens disseminadas na atualidade sobre os corpos vestidos nas mídias sociais, nota-se o discurso de que algumas roupas podem ser usadas por ambos os sexos (feminino e masculino), de forma que o corpo biológico não interfere neste processo, representando assim a tendência *Agender* ou *Genderless*.

Judith Butler teoriza que o gênero é comunicado através de **desempenhos sociais** que envolvem, por exemplo, a adoção de certos estilos de vestimenta e tipos de acessório e maquiagem, mas o eu não é inerentemente masculino ou feminino.” (CRANE, 2000, p.47)

Neste sentido Passos (2012) no blog Ensaaios sobre gênero afirma que para Butler (2008, p. 59), o gênero “é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. Logo, pode-se considerar que antes mesmo de nascer, os indivíduos de acordo com convenções cristalizadas, são naturalizados por esta estrutura a partir de seu corpo e consequentemente de sua aparência física.

Butler afirma que:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir gênero como uma interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado





(uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. (BUTLER, 2008, p. 25)

Partindo do pressuposto da ambivalência sexo/gênero, masculino e feminino, alguns autores discernem sobre esta dicotomia (oposição) tão difundida na sociedade. Simmel (2014) retrata sobre o dualismo da vida, trazendo o homem como um ser naturalmente dualista. Ou seja, forças opostas estão se atraindo e se repelindo em todas as manifestações humanas. Também neste contexto Eco (2007) ao retratar sobre a estética da feiura e sua disseminação na história da humanidade, tendo a arte como manifestação desta estética, destaca a binaridade do belo e do feio, da tensão entre opostos. O que é diferente ou incompreendido, ou mesmo o inimigo, é descrito e representado como feio, diabólico.

Ao observar o mito do corpo feminino, houve uma época na humanidade que o corpo feminino por não ser compreendido, era considerado incompleto, trazendo a “inferioridade” do ser feminino por conta de sua genitália. Já na atualidade, o corpo feminino é explorado como belo e o masculino como feio, ao contrário da Grécia antiga, em que os corpos masculinos eram exaltados. Este cenário mostra a transitoriedade do corpo e como as roupas são utilizadas para velar e desvelar este corpo.

Embora ao longo da história da indumentária, o vestir sem distinção entre os gêneros tenha existido, a partir do momento que a moda foi movida pelo capitalismo na efêmera mudança de gostos e estilos e vida, percebe-se esta nítida separação.

A neutralidade dos corpos a partir da linguagem visual proposta na tendência *Agender* ou sem gênero vela o corpo e revela aspectos da mudança na sociedade em relação à liberdade no vestir, sem levar em conta que os homens devem se vestir de tal forma e a mulher de outra. Pode parecer uma reformulação de um paradigma nas relações do vestir.





Entre as décadas de 1960 e 1980 houveram algumas propostas de ruptura nas formas de vestir, com as mudanças de comportamento e estilo de vida advindas das revoluções cultural e sexual destes períodos. Os hippies e os punks apresentaram um vestuário Unissex, com suas roupas bordadas, pintadas e coloridas para ambos os gêneros. No entanto, seus corpos biológicos não estavam velados pela roupa. Esta nova atitude, que foi inserida da rua para as elites, mostrou-se relevante para as mudanças na sociedade sobre o vestir.

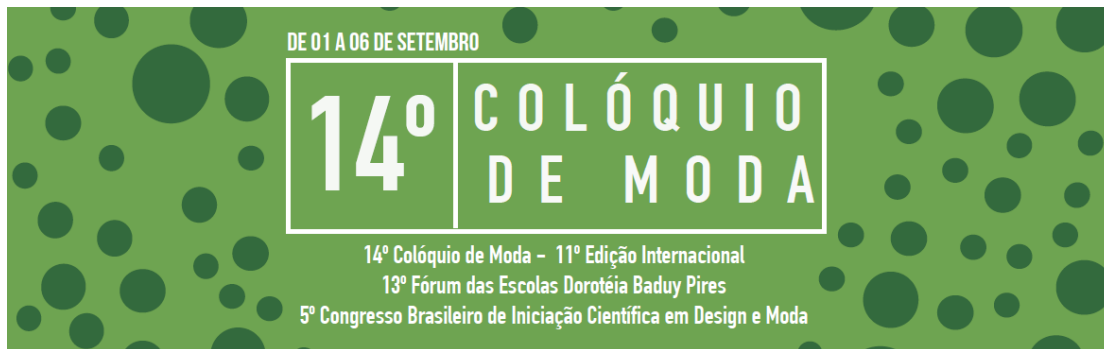
Essa quebra de valores, surgiu da necessidade de distinção e não pertencimento da cultura vigente, e a moda, apropriou-se deste fenômeno para assim

trazer aspectos desta estética para a roupa, deixando de lado a filosofia para a qual ela foi criada. Esta é uma estratégia da moda contemporânea, ressignificar, ou seja, dar novos significados e disseminar estes novos significados sobre a ótica do espírito do tempo, imbuídos pelo consumo e efervescência do capitalismo.

Na moda *Agender* há uma tentativa de não mostrar o corpo, criando a ambiguidade, onde envolve os papéis sociais de gênero, no sentido de que “ a minha roupa mostra o sujeito que sou, não o sexo e o meu papel na sociedade.” O ator Jaden Smith , símbolo desta inclusão de roupa sem gênero, publicou uma foto no *Instagram* usando um vestido comprado na rede *fast fashion Top Shop* escrevendo que foi comprar um vestido que não é de menina é simplesmente roupas (www.geledes.org.br/), levantando ideias de que roupas não tem uma relação direta com o sexo biológico e gênero.

As roupas com modelagens folgadas, diversas cores, volumes são linguagens comumente utilizadas na contemporaneidade para representar esta tendência. Neste sentido estabelece-se a relação entre o ser e o parecer, onde o primeiro estaria representado pelo corpo natural/biológico e o parecer, por sua vez, pela apropriação e transformação do corpo biológico através do vestuário CASTILHO (2008) apud





LEITE (2011). Logo, a tendência Agender estabelece a relação ser/parecer, o corpo biológico (ser) estaria sendo velado pelo parecer através destas roupas, sem se preocupar com o conteúdo corporal.

Com estas discussões vistas nos blogs e redes sociais sobre a moda *Agender* ou *Genderless* deduz-se dois principais aspectos, que os adeptos desta tendência são mais jovens e que neste grupo social o ideal de beleza de corpo é mais andrógino. A androginia na história da moda teve bastante representatividade, especialmente entre

as décadas de 1960 e 1979, onde o cantor David Bowie, com o seu personagem Ziggy Stardust (Figura 1) propôs esta mudança de paradigma na moda.

Figura 1: Personagem Ziggy Stardust, do álbum “The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars” David Bowie, 1972



Fonte: *Moda do século*, Baudot (2002)



Para compreender as transformações sobre a relação corpo e roupa, deve-se observar a corpo vestido, sobretudo as mudanças corporais em consonância as mudanças da vestimenta. Nota-se que os corpos masculinos têm o tórax mais largo e os corpos femininos os quadris mais curvilíneos, portanto, ao longo da história da moda, certas características físicas foram moldadas e modificada pelas roupas e pela moda. Na década de 1920, as mulheres eram mais andróginas e seus seios eram comprimidos, já na década de 1960, os corpos eram magros e andróginos para ambos os gêneros.

Por conseguinte, deve-se compreender que a mensagem do vestuário vai além da roupa, e que a corporeidade com sua aparência física moldada pela moda (cabelos, rostos, etc), junto a gestualidade, comportamento, comunicam e negociam as construções identitárias.

A constante mudança e busca de novidades já naturalizada nos indivíduos pede de certa forma a diferenciação e a divisão dos gêneros. Por outro lado, a iniciativa que permite a homens e mulheres poderem escolher suas roupas independente de seu corpo, este seria um dos legados desta tendência *Agender*.

Segundo Castilho e Vicentini (2011) “a referência física e estética do corpo é também importantíssima para o desencadeamento, ruptura ou permanência de valores legitimados pela moda.”

É imprescindível as formas de comunicação entre o criador desta estética e os sujeitos neste processo de legitimação de uma ideia ou modo de vestir. Na figura 2, o desfile de Ronaldo Fraga Inverno 2016, sugere uma narrativa desta relação que as roupas não têm relação com o sexo biológico, e conseqüentemente com os papeis de gênero.

Figura 2- Desfile Ronaldo Fraga Inverno 2016





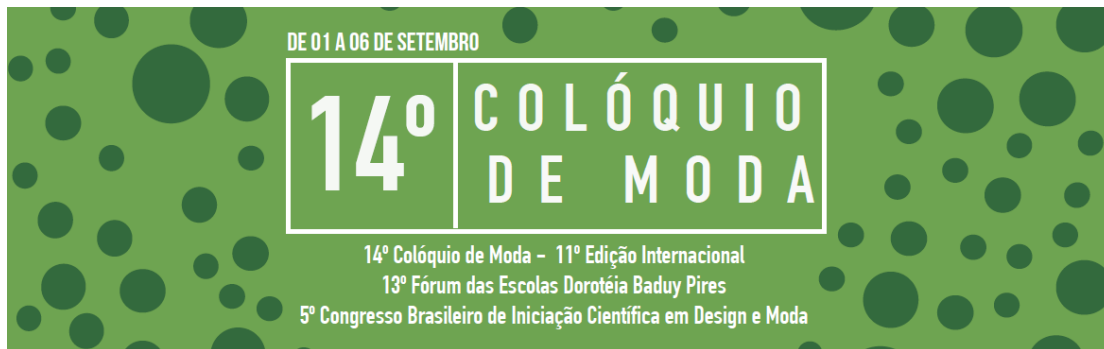
Fonte: <http://modasencensura.com/entenda-a-tendencia-das-roupas-sem-genero/>

Para Svendsen (2015, p. 89) “as modas de roupas muitas vezes são apresentadas como uma espécie de disfarce, como algo que esconde a verdadeira natureza de uma pessoa ou corpo.

A Moda *Agender* ou Genderless defende o vestuário para todos independente do corpo natural, apresentando uma certa ambiguidade, ambivalência, indeterminação ou incerteza, próprio dos conceitos da pós modernidade. Brandini (2007) afirma que a moda na pós modernidade como signo utilitário apresenta uma bricolagem estético/temática onde signos, significados e ícones compõem uma ação comunicativa e um novo corpus artístico.

Le Breton (2008) destaca esta preocupação com a aparência, a ostentação, o desejo de bem estar em nada modifica a ocultação do corpo que impera na sociabilidade, lançando uma falsa liberdade tão disseminada na contemporaneidade.

Castilho (2004, p.112) ratifica “que os papéis sexuais “masculino” e feminino” refletem os papéis sociais exercidos pela figura do homem e da mulher em determinado grupo, estando inseridos em contextos diferenciados de acordo com as versões sobre as funções do masculino e feminino perante a sociedade em questão”.



Para Miskolci (2008, p.45) “O cenário de trocas entre o hegemônico e o alternativo deriva do fato de que, no presente, vivemos em um quadro de hegemonia conflitante, ou seja, em que não há um padrão único imposto de vestimenta ou modo de socialização.” Ou seja, vivemos numa sociedade em constante transformação, onde não há um padrão que deve ser copiado ou mesmo imperante.

O discurso sobre a moda sem gênero proposto na mídia refere-se a tendência *Genderless* ou *Agender* como quebra de tabus, indicando o espírito do tempo que está atento às mudanças em relação às roupas e seus corpos, e particularmente sobre os sujeitos sendo apresentados simplesmente como indivíduos, sem se apegar ao corpo biológico.

Frases vistas em blogs de moda tais como “a moda é para quem quiser”, “Por que rótulos até na hora de se vestir? “Moda sem rótulos...”, “Tudo lindo e misturado”, a campanha da C&a para esta tendência, com o slogan “a moda sem diferença de gênero”, estão no nosso cotidiano. Portanto para se compreender esta nova significação faz-se necessário abranger a relação desta ideia com a cultura dominante, com o consumo e com as mudanças de caráter sexual/biológico.

Ao refletir a respeito das discussões vistas anteriormente, percebe-se que a roupa e a moda velam não apenas um corpo mas também as relações de poder inscritas na roupa. Esta nova tendência entra em contradição ao que alguns autores acreditam ser inerente ao vestuário, que é a sedução e o significado de feminilidade e masculinidade nas roupas, pois a mesma tendência não traz a atenção do olhar para as áreas relacionadas as características biológicas do ser masculino e feminino.

Nesta perspectiva outro fator importante para ser investigado é que nesta tendência *Genderless* os corpos femininos não se destacam por suas curvas e o masculino não são musculosos, tal qual como observou-se nas décadas de 1920,





1960 onde o ideal de beleza feminino e masculino é o corpo magro e andrógino. Diante desta conjuntura pode-se considerar as transformações da moda e a relação com a corporeidade, uma vez que existe uma correlação, onde a roupa e a moda transforma o corpo bem como o corpo modifica a roupa e a moda, num contínuo processo de negociação entre os sujeitos e a cultura dominante.

As representações sociais através da moda estão em contínua mudança, surgindo como formas de resistência aos valores hegemônicos, o que acarreta novas implicações nos sujeitos e conseqüentemente nas suas relações com o meio através dos produtos de moda.

Referências

BAUDOT, François. **A moda do século**. São Paulo: Cosac & Naify edições, 2002.

BRANDINI, Valéria. **Bela de morrer, chic de doer, do corpo fabricado pela moda: o corpo como comunicação, cultura e consumo na moderna urbe**. *Contemporânea*, vol. 05, nº1, 2007.

CAMPOS, A. Q.; RECH, S. R. Considerações Sobre Moda, Tendências e Consumo. **lara – Revista de Moda, Cultura e Arte** - São Paulo – V.3 N°3 dez. 2010 .

CASTILHO, Kathia; MARTINS, Marcelo M. **Discursos de moda: semiótica, design e corpo**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

CASTILHO, Kathia, VICENTINI, Claudia Garcia. **Corpo e Moda: por uma compreensão do contemporâneo**. Ana Claudia de OLIVEIRA, Kathia Castilho organizadores. Barueri, SP: Estação das letras e cores editora, 2008.
CRUSOÉ,





ECO, Humberto. **A história da feiura**. Tradução : Eliana Aguiar. Editora Record: Rio de Janeiro, 2007.

Canadá Television and Cable (produção). Line Charlesbois (Direção)1999. Documentário **Ecce Homo: Moda e Vestuário**. Canadá

GOLDENBERG, Miriam. **O corpo como capital: Estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**.Org. Miriam Goldenberg- 3ª Edição.

LE BRETON, David, 1953-. **A sociologia do corpo** 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2007

LEITE, I.T.R. **Vestuário e feminilidade: uma análise da relação vestuário efeminilidade nas capas da revista Manequim nos seus 50 anos de publicação** /Dissertação mestrado. UFPE: Recife: O autor, 2011.225 p.

MAROJA, Gabriela. (22.01.2014). **Representações sociais: relações entre indivíduos e a moda**. Disponível em: <http://www.audaces.com/br/educacao/falando-de-educacao/2014/01/22/representacoes-sociais-relacoes-entre-individuos-e-a-moda>

MISKOLCI, Richard. Estéticas da existência e estilos de vida – as relações entre moda, corpo e identidade social. São Paulo: **Revista Iara**, v1, n 2, 2008

PASSOS, Lucas (18.12.2012). **O sujeito e o gênero socialmente construído: existe um “eu/nós” antes, um “eu/nós” depois, um “eu/nós” que constrói?**. Disponível em: <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/02/18/o-sujeito-e-a-construcao-de-genero-existe-um-eunos-antes-um-eunos-depois-um-eunos-que-constroio/>

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zarah, 2010.

SIMMEL, George. **Filosofia da Moda**. Tradução Artur Mourão. Edições Texto & Grafia Ltda. Lisboa :1ª edição 2008, 2ª Edição 2014.

